
SINGULAR OCORRÊNCIA, DE MACHADO DE ASSIS: UMA INTERPRETAÇÃO

Anselmo Pessoa Neto*

RESUMO

Este estudo propõe uma interpretação do conto *Singular ocorrência*, de Machado de Assis, a qual parte do próprio texto, como qualquer boa técnica de estudos literários recomenda, mas leva em conta, também, os aspectos sócio-culturais de fundo, que qualquer bom leitor sabe ver.

O conto "Singular ocorrência", de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez no jornal *Gazeta de Notícias* em 1883. Em livro, faz parte de *Histórias sem data* que teve a sua primeira edição, organizada pelo autor, em 1884. *Histórias sem data* é um livro fundamental na bibliografia contística de M. de A.: é o segundo livro da, assim chamada, segunda fase machadiana. Com merecida razão, *Histórias sem data* vem obtendo, através do tempo, os favores tanto da crítica especializada quanto dos milhares de leitores deste gênero no qual, com extrema galhardia, se expressou a verve criativa do, no dizer de muitos, maior escritor brasileiro: a narrativa curta. São 18 contos "singulares" precedidos de uma "advertência" escrita de próprio punho por M. de A. Esta "advertência" é elucidativa para a compreensão do domínio absoluto que M. de A. tinha do material com o qual trabalhava: as estranhezas do ser humano.

De todos os contos que aqui se acham há dous que efetivamente não levam data expressa; os outros a têm, de maneira que este título *Histórias sem data* parecerá a alguns ininteligível, ou vago. Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado. E é o pior que lhe pode

* Doutorando em Letras na Universidade de São Paulo (USP). Professor Assistente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

acontecer, pois o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação (Assis, 1989, p. 43).

Estas “cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia”, o que seriam senão as estranhezas do ser?, como dito, ou, nas palavras de Antonio Candido: “os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados” (1963, p. 45). Desse ponto de vista, o que estaria em jogo, para a permanência artística de uma obra, seria realizar literariamente bem esses predicados dos seres. Tratando-se do mestre Machado de Assis, a boa realização das histórias vem garantida, sem data de vencimento, como veremos em “Singular ocorrência”.

“Singular ocorrência” conta a história do romance de Marocas e Andrade. Ele, de vinte e seis anos, quando da ocorrência, era um tipo meio advogado, meio político, casado, tinha uma filhinha de dois anos com uma mulher afetuosa, meiga e resignada, no dizer do próprio narrador. Marocas era esbelta, modos sérios, linguagem limpa, vestido afogado, escorrido, sem espavento, arrastava a muitos. Excluídas as outras profissões, chegamos que ela exercia a mais antiga de todas, com muita classe, para uma classe elevada. Andrade que, apesar de casado, “tinha em alto grau a paixão das mulheres” (Assis, 1989, p. 48), estabeleceu rapidamente com Marocas uma relação de extrema dedicação e amor, no que foi correspondido. E ela foi além: “despediu todos os seus namorados, e creio que não perdeu pouco; tinha alguns capitalistas bem bons. Ficou só, sozinha, vivendo para o Andrade, não querendo outra afeição, não cogitando de nenhum outro interesse” (Ibid., p. 48).

Participam ainda da trama o narrador e o Leandro. O amigo do narrador ouve a história, possibilita o desenrolar da narrativa, além de tentar interpretá-la e, ao mesmo tempo, condicionar o sentido da sua interpretação.

As personagens que desempenham efetivamente um papel na trama de “Singular ocorrência” são essas. O quadro, a paisagem social, é apenas sugerido. O tempo é datado, sabemos que o que vai ser narrado aconteceu vinte anos atrás, portanto estamos em 1880, e os acontecimentos dessa história singular começaram em 1860. Talvez vinte anos fosse um tempo longo o bastante para qualquer narração adquirir um distanciamento suficientemente objetivo, para que todos os pesos e medidas tenham sido tomados, para que se possa ter uma opinião mais ou menos clara sobre os fatos do passado. Mas em “Singular ocorrência” as coisas não são assim.

Através de um recurso narrativo magistral, o escritor aproxima vertiginosamente o tempo da narrativa do tempo da narração. Então, o desenrolar dos fatos, que veríamos se sucedendo a partir de um distanciamento de vinte anos, aproxima-se dos nossos olhos e, para o leitor, crítico ou leitor-observador dessa cena de costume, desse quadro social mundano de elite, o risco de perder o foco pela proximidade excessiva dos fatos narrados é enorme.

O recurso utilizado pelo escritor para criar esse efeito de proximidade foi o uso, quase que exclusivo, do *discurso direto* e pequenas incidências, no meio do *discurso direto*, do *discurso indireto*. O narrador, ao ver a Marocas entrando na igreja de Santa Cruz, chama a atenção do amigo para ela e se propõe a contar uma coisa interessante: a ocorrência singular acontecida na relação de Andrade com Marocas. Os diálogos são rápidos, ou dão a sensação de rapidez, de fluidez, graças à omissão dos verbos *dicendi* (disse, perguntou, respondeu); omissão possível, em primeiro lugar, porque são só dois os interlocutores, e depois porque, apesar, às vezes, de longos, os diálogos são muito bem construídos.

O fulcro da história, a singular ocorrência, é, enquanto fato em si, precursor da *Dama do loteação*, de Nelson Rodrigues, e, neste sentido, está mais próximo desta do que da *Dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho. Com efeito, o amor entre Andrade e Marocas andava de vento em popa, Andrade era só elogios para com a Marocas e tecia o projeto de comprar uma casa onde colocá-la. Isto era o que dizia Andrade, enquanto iam todos, ele, esposa, filha e o amigo-narrador, para uma festa de São João, por dois dias, na Gávea:

Na Gávea ainda falamos da Marocas, até que as festas acabaram, e nós voltamos. O Andrade deixou a família em casa, na Lapa, e foi ao escritório aviar alguns papéis urgentes. Pouco depois do meio-dia apareceu-lhe um tal Leandro, ex-agente de um certo advogado, a pedir-lhe, como de costume, dois ou três mil-réis. Era um sujeito reles e vadio. Vivia a explorar os amigos do antigo patrão. Andrade deu-lhe três mil-réis, e, como o visse excepcionalmente risonho, perguntou-lhe se tinha visto passarinho verde. O Leandro piscou os olhos e lambeu os beiços: o Andrade, que dava o cavaco por anedotas eróticas, perguntou-lhe se eram amores. Ele mastigou um pouco, e confessou que sim (...) O Leandro confessou que-tivera *na véspera* uma fortuna rara, ou antes única, uma cousa que ele nunca esperara achar, nem merecia mesmo, porque se conhecia e não passava de um

pobre-diabo. Mas, enfim, os pobres também são filhos de Deus. Foi o caso que, *na véspera*, perto das dez horas da noite, encontrara no Rossio uma dama vestida com simplicidade, vistosa de corpo, e muito embrulhada num xale grande. A dama vinha atrás dele, e mais depressa; ao passar rentezinha com ele, fitou-lhe muito os olhos, e foi andando devagar, como quem espera. O pobre-diabo imaginou que era engano de pessoa; confessou ao Andrade que, apesar da roupa simples, viu logo que não era cousa para os seus beijos. Foi andando; a mulher, parada, fitou-o outra vez, mas com tal instância, que ele chegou a atrever-se um pouco; ela atreveu-se o resto... (Ibid., pp. 49 - 50; grifos meus).

Leandro prosseguiu e acabou dando o endereço da tal dama que, por coincidência, era o mesmo da Marocas. Andrade fica alucinado, exige uma confirmação – vai até a casa dela com o Leandro – e a obtém: “a cena que se seguiu, foi breve, mas dramática. Não o soube inteiramente, porque o próprio Andrade é que me contou tudo, e, naturalmente, estava tão atordoado, que muita cousa lhe escapou” (Ibid., p.51). A Marocas tinha traído o Andrade com um tipo reles, um pobre-diabo, fato aparentemente inexplicável. Mas basta que percorramos os olhos, com algum vagar, pelos outros contos de *Histórias sem data* para constatarmos que essa ‘cousa’ misteriosa, essas atitudes inesperadas estão em todos e por todo lugar.

Em “A Igreja do Diabo”, síntese, talvez, do credo ideológico de M. de A. a respeito dos homens, o que vemos é a manifestação bizarra dos fiéis das religiões de Deus pecando contra os valores destas em prol dos valores defendidos pelo Diabo, e depois de convertidos à religião do Diabo, pecando contra os valores da nova Igreja do Diabo a favor dos antigos mandamentos das religiões de Deus. Nem o Diabo entende: “Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a *causa secreta de tão singular fenómeno*. Deus ouviu-o com infinita complacência (...) – Que queres tu, meu pobre Diabo? (...) – Que queres tu? é a eterna contradição humana” (Ibid., pp. 22 - 23; grifo meu).

Em “A segunda vida”, encontramos um outro caso exemplar dessa coisa misteriosa, inesperada, estranha, que os sujeitos carregam dentro de si. José Maria, protagonista de “A segunda vida”, conta ao Monsenhor Caldas as suas desventuras, o que seria perfeitamente normal dado que Monsenhor Caldas é um padre. A coisa insólita é a razão dessas desventuras. José Maria morreu, subiu aos céus e, como todo chegado ao céu que

completava um milheiro, devia retornar. A única prerrogativa para o retorno era “a escolha do veículo: podia nascer príncipe ou condutor de ônibus” (Ibid., p. 123). José Maria escolheu renascer experiente. E, coisa estranha no meio de um conto todo estranho, a experiência foi a causadora dos seus malfadados sucessos.

Talvez fosse interessante retomar, agora, o Antonio Candido de “A Personagem do Romance”. Para Antonio Candido, o romance traz uma vantagem na compreensão dos seres porque “a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo” (1963, p. 48) e ainda, falando do ‘homo fictus’:

Do ponto de vista do leitor, a importância está na possibilidade dele ser conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem, “porque o seu criador e narrador são a mesma pessoa”. Neste ponto tocamos numa das funções capitais da ficção, que é a de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres (Ibid., p. 52).

Das passagens citadas de Antonio Candido, tanto da primeira quanto das últimas, duas questões, imbricadas, se colocam. Que a natureza dos seres é misteriosa, inesperada, um conto como, por exemplo, “Singular ocorrência”, ilustra perfeitamente. Mas se ficarmos só nisso, não arriscamos uma explicação, deixamos de lado a questão fundamental da crítica, ou seja, a interpretação e a análise valorativa de cada obra de ficção concreta (Cf. Candido, 1963, p. 58). Por outro lado, talvez em um romance a personagem seja mais lógica e nos dê um conhecimento mais completo, mais coerente dela própria, mas em um conto o espaço é curto, a caracterização é rápida. A Marocas, por exemplo, não tem a palavra para contar a sua versão dos fatos. Em uma narrativa curta, tudo é muito mais significativo. O fato da Marocas não ter a palavra tem significado, e não só para a economia da obra. Significa, entre outras coisas, uma instigação do escritor para que tentemos uma explicação do seu gesto, sem que a ouçamos e com muito menos pormenores do que em um romance. Machado de Assis é um provocador contumaz, os seus conhecimentos dos ‘mistérios da alma’, dos seus defeitos, pedem uma interpretação. Capitu é só o caso mais conhecido,

de maior repercussão. Se os traços constitutivos de Capitu são fragmentários (Cf. Candido, 1963, p. 65), o que não dizer dos de Marocas?

É da economia restrita do conto que temos que dar conta. Marocas traiu, por quê? É a essa pergunta, com o pouco que foi dado, que temos que tentar responder. Uma resposta já temos, a do narrador: “Era um homem [o Leandro] que ela supunha separado, por um abismo, de todas as suas relações pessoais; daí a confiança. Mas o acaso, que é um Deus e um diabo ao mesmo tempo... Enfim, cousas!” (Assis, 1989, p. 54). É uma resposta claramente insuficiente, pois não explica por que traiu, mas porque traiu com o Leandro. Ao mesmo tempo é uma resposta que aponta para as relações sociais que, como sólito em M. de A., perpassa o seu texto. Marocas não mantinha relações pessoais com tipos como o Leandro, mas o escolheu para ter uma relação sexual às escondidas, por uma noite.

Repassemos o texto. Marocas é uma prostituta de luxo, fina, que se enamora de um ‘homem de bem’, casado, e a ele se dedica, deixando a sua profissão. Talvez até mesmo tendo prejuízo financeiro. Ela mudou de vida para estar com o Andrade. Ele, em contrapartida, não mudou nada. Na festa de São João, viaja com a família e o amigo, ela fica só. Mudar de vida para a Marocas foi o mesmo que casar, ter filho (o tem mais tarde, como sabemos), para ela o Andrade era o seu marido. O Andrade a traiu quando viajou com a esposa, porque para a outra, a outra é sempre a outra, ou melhor, para a outra, a outra é a esposa. Sentindo-se traída, Marocas revida: trai também. A sua traição não foi mais do que uma vingança. Ela não poderia trair o Andrade com um homem da mesma posição social que ele, porque, afinal, com homens da posição social do Andrade, a Marocas costumava trabalhar. A Marocas, enquanto prostituta, estava alguns degraus acima dos Leandros, ela tinha uma criada, uma preta forra. Marocas era elegante, se vestia bem, falava bem, frequentava os teatros e tinha uma clientela de capitalistas. O que ela queria era vingar-se, não se sentir como quando trabalhava. Leandro era um ser abjeto, de uma classe social que a Marocas nunca frequentara enquanto profissional.

A resposta foi obtida apesar do narrador, mas a partir dele. Entre outros indícios, cabe lembrar que a traição se deu na ausência do Andrade, e o narrador faz questão de sublinhar este dado repetindo por duas vezes as palavras ‘na véspera’. Em outro momento, põe sob suspeita a narração do Andrade (Cf. Assis, 1989, p. 51), fato que estimula a suspeita sobre a sua própria narração, por último propõe um final que absolutamente não convence.

Depois da tempestade, a imobilidade social. Marocas parece que aprendeu a lição. Ganhou uma casinha e continuou como amante do Andrade até ser abandonada.

ABSTRACT

This study proposes an interpretation of the short story "Singular ocorrência", by Machado de Assis, which is taken from the text itself, as it is suggested by any good technique of literary studies; however, it also takes into account the underlying sociocultural aspects, which can be seen by any good reader.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI Jr., D. Apresentação de *Terpsicore* de Machado de Assis. São Paulo: Boitempo, 1996.
- CAMARA Jr., J. M. *Ensaio Machadiano*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.
- CANDIDO, A. "A personagem do romance", in revista da FFCLUSP, Boletim n. 284, São Paulo: Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963.
- _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985.
- _____. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Terceira Leitura - FFLCH - USP, 1987.
- ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Garnier, 1987.
- PESSOA NETO, A. "Uma Outra Consulta à Cartomante de Machado de Assis". Cadernos de Letras n. 8. Goiânia: Gráfica do ICHL - UFG, 1993.
- SCHWARZ, R. *Que Horas São?*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.